Etnografia na Ala Feminina da Cadeia Pública de Cascavel- PR

Katiuska Gloria Simões

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1691>

DOI: 10.4000/pontourbe.1691

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

ISBN: 1981-3341

Refêrencia eletrónica

Katiuska Gloria Simões, « Etnografia na Ala Feminina da Cadeia Pública de Cascavel- PR », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 30 julho 2014, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1691> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1691

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Etnografia na Ala Feminina da Cadeia Pública de Cascavel- PR

Katiuska Gloria Simões

- 1 Nesse breve relato pretendo compartilhar algumas experiências da pesquisa de campo na ala feminina da Cadeia Pública de Cascavel, locada na 15ª. Subdivisão Policial, realizada em janeiro de 2014. Nesta ocasião, havia 84 mulheres encarceradas.
- 2 A duração da pesquisa de campo foi relativamente pequena, mas, como Gilberto Velho afirma, é muito difícil delimitar durante quanto tempo deve ser feita a pesquisa. “A idéia de tentar pôr-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares exige um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo” (VELHO 1978:37).
- 3 O tempo que realizei a pesquisa foi suficiente para surgir várias inquietações sobre o tema, instigando ainda mais o meu interesse sobre o assunto. A cada dia no campo era uma surpresa e a multiplicidade de situações que presenciei demonstraram a complexidade do objeto estudado.
- 4 Decidi entender a prisão a partir daquelas que sofrem com o enclausuramento e para isso era preciso conseguir autorização das entidades competentes para realizar a pesquisa. Não seria algo fácil, pois não conhecia ninguém que poderia auxiliar na busca dessa autorização e, além disso, havia a incerteza de que o local de pesquisa disponibilizava certa segurança para poder conviver com as encarceradas.
- 5 Porém, a busca da autorização foi a parte menos problemática da pesquisa e fui autorizada a conviver com as encarceradas o tempo que julgasse necessário. Logo um misto de ansiedade e medo surgiu com a primeira ida ao local da pesquisa e permaneceu até o último dia da observação de campo.

Inserção no Campo e seus desdobramentos

- 6 Chegou o momento de iniciar a minha pesquisa de campo, estava apreensiva com a aceitação da minha presença pela parte das encarceradas pois sabia que como iria

observar eu seria observada. Vagner Gonçalves da Silva no seu texto “O Antropólogo e sua magia” já afirmava que:

Na observação participante é importante considerar, enfim, que o antropólogo também é observado pelo grupo, geralmente procura ‘socializá-lo’ ensinando-lhe os códigos de conduta e a forma mais adequada do ponto de vista do grupo, de realização dessa participação e observação. (SILVA 2006:71)

- 7 Nesse sentido, Alba Zaluar comenta a visão de Clifford Geertz sobre as ações do antropólogo:

Geertz (1983) afirmava que o antropólogo não tem que recorrer a uma capacidade sobre-humana de autonegação do seu ego ou de co-sentimentalidade com os estudados, porém simplesmente ser aceito como parceiro em conversações para reconstituir os sentidos da cultura local que estuda. (ZALUAR 2009:566)

- 8 Realmente fui observada, pois muitas mulheres encarceradas, no início da pesquisa, se aproximavam para relatar seus crimes na expectativa de absolvê-las; recebi diversos pedidos de auxílios médicos, jurídicos e civis, mas com o decorrer da pesquisa elas foram entendendo de que estava lá apenas com a intenção de ser aceita na conversação corriqueira e não poderia ajudá-las nas questões de ordem prática.
- 9 Porém, além da questão de ser aceita pelo grupo ainda havia o empecilho da efetivação dos discursos das encarceradas, no sentido se iriam falar sobre as suas histórias ou não, já que estão ali aguardando um julgamento e nesse momento qualquer fala pode melhorar ou complicar a sua situação.
- 10 No entanto, fui muito bem recebida por elas. Já no primeiro dia em que visitei a cadeia e desci até a galeria onde elas estavam, ouvi muitos relatos e desabafos. Sem receios elas se aproximavam e pediam se eu queria entrevistá-las, aceitei todos os pedidos e assim conversei com todas que espontaneamente se dispuseram a colaborar com a minha pesquisa.
- 11 Com o decorrer da pesquisa, surgiam distanciamentos da parte de algumas encarceradas, mas consegui estabelecer relações com generosas informantes. O papel que as informantes-chaves desempenharam, foram de aproximarem outras encarceradas da minha pesquisa e era comum trazerem “novas” amigas para as novas conversas.
- 12 Antes de ir a campo elaborei roteiros de entrevistas para melhor organização das informações, onde inocentemente achei que seria possível seguir tais instruções. Porém, não funcionou como desejava, era muita informação para colher que as perguntas não satisfaziam; no segundo dia eu fui apenas com o meu diário de campo e disposta a conversar sem roteiro e sem se preocupar em buscar informações, considerando que isso aconteceria com o tempo de proximidade.
- 13 Apenas com o diário de campo e uma caneta na mão descia até a galeria feminina, pois não recebi autorização para levar gravador ou qualquer outro objeto eletrônico. Conforme eu ia anotando no diário de campo, as mulheres que estavam sendo informalmente entrevistadas criavam receios para continuar a entrevista, por isso, fiz poucas anotações durante a observação participante. Consequentemente preocupações surgiram, pois o meu trabalho dependeria muito da minha memória.
- 14 Portanto, a melhor forma que encontrei para conversar sem inibir os diálogos das encarceradas, foi sentar e tomar chimarrão¹ com elas. Eram ali, nas rodas de chimarrão que a conversa fluía sem interrupções, salvo os acontecimentos extraordinários do cotidiano. Como por exemplo, o dia que senti mais medo dentro da pesquisa de campo.

- 15 Aparentemente estava tudo dentro da normalidade, algumas mulheres estavam sentadas conversando no chão do extenso corredor, outras dançavam no final da galeria e eu estava sentada na roda de chimarrão. Contudo, a aparente tranquilidade é interrompida por um estrondoso barulho de disparo de arma de fogo, nesse momento as mulheres que estavam no final da galeria começaram a gritar “É tiro, é tiro lá em cima”, também levantei e me aproximei da porta de ferro que permitiria a minha saída, quando já estava diante da porta esperando que algum carcereiro aparecesse para me tirar dali, ouviu-se mais um tiro, todas ficaram desesperadas e gritavam ainda mais.
- 16 Medo foi o que mais senti naquele momento, pois não havia nenhum carcereiro comigo, eu estava sozinha dentro da galeria feminina, até que um carcereiro apareceu para abrir a porta de ferro. Quando eu estava saindo ouvia a voz de outro carcereiro “recolhe o pátio, recolhe o pátio” e ainda mais ao fundo outro carcereiro gritava “sobe a moça que está pesquisando, sobe a moça que está na galeria feminina”, e diante de todos os gritos fiquei atordoada, mas respirei fundo e consegui manter a calma para sair do labirinto que se apresentava na minha frente.
- 17 Fui levada à sala dos carcereiros e fiquei esperando toda a situação ser acalmada e minutos depois os policiais que vigiavam o pátio ligaram para explicar o que estava acontecendo. Era uma tentativa de fuga, interrompida por tiros do policial, que atingiram o pé direito de um detento, então encaminhado ao Hospital Universitário de Cascavel. Demorei certo tempo para esquecer os momentos de insegurança, pois nunca tinha passado por experiência parecida. Porém, no outro dia voltei tranquilamente e logo na entrada pude ouvir os funks cantarolados por algumas presas: tudo já estava dentro da normalidade.

Bem-vinda ao inferno

- 18 Para explicar melhor a minha inserção e como foi a pesquisa, descreverei o primeiro dia em que estive no campo e darei continuidade no texto, citando o cotidiano que pude presenciar. Descrição com o objetivo proposto por Clifford Geertz na sua obra “A Interpretação das Culturas” (1973), uma descrição densa.
- 19 No entanto, antes de descrever devo explicar o título do texto, essa expressão “Bem-vinda ao inferno” é uma das primeiras frases que pode se ouvir ao entrar na galeria feminina, que serve para dar boas vindas às novatas. Segundo Flávia², presa por tráfico de drogas, essa expressão é para amedrontar as novas encarceradas. “Quando chega uma novata eu já venho gritando, bem-vinda ao inferno, eu falo isso para colocar medo mesmo, mas nem é tão ruim assim”.
- 20 No primeiro dia estava muito apreensiva como seria a minha aceitação, julgando que o momento seria propício para perceber se o meu trabalho seria frutífero ou não. Desci o corredor acompanhada da carcereira Ana que com o seu ar ríspido causava em mim mais angústia; a carcereira ordenou que entrasse em uma minúscula sala para fazer a revista. Entrei na sala sem saber se tirava a roupa ou ficava em pé aguardando o detector de metal; para meu alívio, foi uma revista superficial, sem necessidade de se despir, assim a carcereira me apalpou e como não achou nada ilícito fui autorizada a ir para a galeria onde ficam as celas. Passei por esse procedimento todos os dias da pesquisa.
- 21 Atravessei uma porta de ferro onde estava o carcereiro Marcos; como já estava sabendo do meu trabalho me acompanhou até a outra porta de ferro que leva à galeria das celas

femininas. Para chegar até lá passei pela galeria masculina onde a superlotação é notória, os braços e rostos grudados nas grades de ferro deixavam clara a falta de condições mínimas para a sobrevivência humana.

- 22 A galeria masculina está lotada e muitos presos ficam nas três celas localizadas fora da galeria; ao lado da primeira porta de ferro fica uma cela onde passei e pude olhar de perto a realidade vivida, as outras duas celas conhecidas como o X34 e X35 ficam ao lado da segunda porta que permite acesso à galeria feminina. Ouvi diversas explicações sobre os homens detidos nessas celas, algumas afirmavam que “eles ficam ali para a triagem e depois vão para a galeria”. Contudo, durante a pesquisa percebi que alguns saiam dessas celas e iam para a galeria e muitos ainda ficavam nas celas. Para explicar o motivo, a presa Fernanda falou que “eles ficam aí porque se forem para a galeria vão apanhar ou até morrer, é briga que trazem da rua”.
- 23 Citei essas celas, pois são importantes na vida afetiva das presas, já que há apenas duas grades que as separam deles, permitindo um grande campo de visão. Não fazia ideia da grande importância desses homens, mas percebi da pior forma, atrapalhando essa relação. Dias depois do início da pesquisa, atrapalhei ao bloquear a visão das mulheres, mas aprendi que não deveria ficar na frente delas no primeiro minuto em que os carcereiros se aproximaram dos X34 e X35 para transferência dos presos.
- 24 Eu estava de costas para esses dois X e conversando com as mulheres, as que estavam sentadas no extenso corredor levantavam e iam se aproximando da grade que me separava dessas mulheres. Achei estranho, mas depois de um grito da presa Flávia “Uh! Uh! gostoso, gostei de você !”, me virei e entendi o que estava acontecendo. Era o dia da transferência dos presos da cela de triagem para a galeria masculina, dia em que as mulheres examinam e elogiam os detentos, esse momento é propício para iniciarem um flerte e até mesmo um namoro.
- 25 A paquera, o namoro entre as presas e os presos da ala masculina é muito comum e acontece de diferentes maneiras podendo até resultar em casamentos. A maioria dos namoros se desenrola através das “Pipas” ou “Catu” que são cartas de amor passadas por um buraco -denominado “Internet” – na parede que separa a galeria feminina da galeria masculina .
- 26 Segundo Flávia, as primeiras palavras da carta expõem o grau de interesse dos amantes. O primeiro estágio é “Meu anjo”, o segundo é “Coração” a demonstrar que querem levar para frente; o terceiro estágio é “Vida” como se fosse o início de um namoro, o quarto é “Paixão” e esse é uma espécie de namoro sério. O ultimo e mais importante estágio é “Amor”, na tentativa de traduzir nas formalidades ocidentais o noivado. Para entender melhor essa última fase, transcreverei a fala de Flávia: “Quando você chega no Amor, você já vai casar, aí não tem mais volta, fodeu.”
- 27 Apesar da fala bem humorada, as mulheres ainda veem no casamento uma possibilidade de ascensão social; o casamento é muito importante para elas. A pior regra que alguma encarcerada pode desrespeitar é conversar com o marido de outra.
- 28 Paula, detida por tráfico de drogas juntamente com o seu marido – preso em outra unidade de detenção, expressa as normas estipuladas pelas próprias presas para o melhor funcionamento das relações sociais dentro da cadeia.

Nós não podemos usar roupas curtas nas sextas, sábado e domingos, porque são dias de visitas; não podemos conversar com as visitas das outras, mas podemos responder se a conversa partir da visita; não podemos conversar com os

carcereiros; não podemos ficar só de sutiã na galeria e principalmente não podemos conversar com os casados.

- 29 O casamento é muito importante para as encarceradas, Simone de Beauvoir foi categórica ao discutir sobre o status do casamento:

A mulher casada é autorizada a viver às expensas do marido; ademais, adquire uma dignidade social muito superior à da celibatária. [...] E, principalmente, pode ela assim esperar ascender, graças a ele, a uma casta superior à sua própria, milagre que o trabalho de uma vida inteira não compensaria (Beauvoir 1970:175-176)

- 30 Dentro da cadeia pública de Cascavel essa realidade é facilmente perceptível, a maioria das longas conversas que tive com as mulheres encarceradas giravam em torno da sua afetividade. Ao mesmo tempo em que reclamavam do abandono dos seus maridos afirmavam já ter outras paixões surgidas ali dentro.

O amor, abandono e as novas relações afetivas

- 31 Rita, condenada à pena de 5 anos e 3 meses por tráfico de drogas, foi uma das principais informantes que encontrei na minha pesquisa. Em todas as nossas conversas ela citava o abandono do marido e depois falava sobre o novo namorado dela.

fia vou te falá uma coisa, a maioria das mulheres são abandonadas pelos maridos, nós visitamos eles, só que eles não visitam a gente. Mas eu ainda gosto de homens, esse negócio de mulher não é comigo, já arranjei um namoradinho aqui do lado, acho que a gente vai casá.

- 32 O abandono por parte da família é comum, mas são os companheiros, maridos e namorados que abandonam mais facilmente essas mulheres. Essa situação pode ocorrer por diversos motivos, como a distância da cadeia das cidades natais; estigmatização da mulher presa; o parceiro pode estar encarcerado; abandono por não poder mais contar com a sua ajuda na prática ilícita.

- 33 O *Relatório sobre mulheres encarceradas no Brasil* elaborado pelo o Grupo de Estudos e Trabalho Mulheres Encarceradas³ em 2007, em parceria com o Centro Pela Justiça e Pelo Direito Internacional (CEJIL), levou ao conhecimento da Comissão Interamericana de Direitos Humanos/OEA o abandono que as mulheres sofrem depois de presas; segundo o relatório, um dos grandes fatores é a distância entre a prisão e a cidade de seus familiares, pois há poucas prisões femininas no Brasil e são forçadas a cumprirem suas penas distantes de suas casas, entre outros motivos.

Também é bastante relevante a estigmatização social experimentada pela mulher que comete um delito, fator que também contribui decisivamente para o abandono da detenta pela família e amigos. O abandono das mulheres presas ocorre, em um primeiro momento por seus companheiros, que em pouco tempo estabelecem novas relações afetivas, e também por seus familiares mais próximos, que não se dispõem a se deslocar por motivos variados ou, ainda não se dispõem a aceitar as regras, muitas vezes consideradas humilhantes, impostas para realização de visita nas unidades prisionais. (CENTRO PELA JUSTIÇA E PELO DIREITO INTERNACIONAL / CEJIL; GRUPO DE ESTUDOS E TRABALHO MULHERES ENCARCERADAS, 2007).

- 34 O abandono ocorre com mais evidência nas cadeias femininas; quando indagava sobre a situação de abandono, a maioria afirmava de que quando seus companheiros eram presos elas iam visitá-los e levar alimentos, mas depois de presas, caso eles estejam soltos, os favores não são retribuídos. Para elucidar melhor os motivos do abandono, descreverei dois relatos que ouvi na cadeia pública de Cascavel.

- 35 Paula está há 10 meses na cadeia e seu marido detido na Penitenciária de Cascavel. Não recebe visita, pois sua família reside em outra cidade. Quando perguntei sobre os seus relacionamentos afetivos, o abandono foi inserido na sua fala. “depois de presa você tem que dá um jeito, porque não vai recebê visita do seu marido, então eu já to namorando uma presa, a gente sempre dá um jeito.”
- 36 Carla, que aguarda a sua condenação por tráfico de drogas, está há um mês detida e seu marido preso em outra unidade de detenção. “Quando fui presa meu marido foi também, minha família é de outra cidade, então visita eu não recebo. Mas logo que cheguei aqui comecei a namorá com a Paula e a gente se dá bem”.
- 37 Os novos relacionamentos, homossexuais ou heterossexuais, podem resultar em casamentos. Principalmente entre os casais heterossexuais que iniciam o relacionamento dentro da cadeia, pois para realizarem visitas aos seus companheiros devem estar casados. Não é mais reconhecida a união estável. Para ter direito a visitas é necessário ser casados, com toda a burocracia exigida.
- 38 Quando solicitado, o juiz vai até a cadeia e realiza o casamento, mas para isso os interessados precisam de uma terceira pessoa para encaminhar os documentos necessários. I Recebi inclusive diversas propostas para encaminhar papeis de casamento, mas infelizmente não pude aceitar, para não comprometer os resultados da minha pesquisa.
- 39 Ser presa é praticamente sinônimo de término dos relacionamentos anteriores e dentro da cadeia novas relações afetivas vão surgindo, mas a maioria afirma que não se deve prender àqueles que as abandonaram. Conforme as minhas visitas foram acontecendo, toda essa relação foi sendo vagarosamente desvendada.
- 40 Mesmo enclausuradas as relações afetivas acontecem e durante uma conversa com a carcereira Ana dentro da galeria feminina fomos interrompidas pela Carol, presa por tráfico e aguardando condenação, que pediu para que a carcereira entregasse uma cartela de remédio para acalmar o resfriado do seu namorado detido na ala masculina. Antes de Carol se aproximar, observei que ela estava conversando com alguém pela “internet” e foi rapidamente até o seu X e voltou com o remédio para ser entregue. Mesmo interna grande parte das mulheres cultivam relacionamentos, mas curiosamente a maioria não faz aproximações físicas.

Considerações finais

- 41 A abundância de enfoques presentes no interior desse objeto de estudo contribui para a necessidade inesgotável de elaboração de trabalho, como também explica a pluralidade dos trabalhos existentes. Contudo, no campo acadêmico há poucos trabalhos que dedicam suas pesquisas sobre o sistema penitenciário feminino e, iniciando esse trabalho, espero que estimule outros pesquisadores a investir neste tema.
- 42 Nesse relatório abordei de forma geral apenas um aspecto da vida social partilhada no interior da cadeia pública de Cascavel. Porém, a minha pesquisa ainda está em andamento e pretendo abordar profundamente o assunto proposto e outras questões da vida no cárcere.

BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, Simone de. 1970. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de S. Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

CENTRO PELA JUSTIÇA E PELO DIREITO INTERNACIONAL (CEJIL); GRUPO DE ESTUDOS E TRABALHO MULHERES ENCARCERADAS. 2007. *Relatório sobre Mulheres Encarceradas*. Disponível em http://www.ajd.org.br/noticias_ver.php?idConteudo=681, acesso em 02/05/2013.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Departamento de Fiscalização e Monitoramento. 2010. *Mutirão carcerário realizado no Estado do Paraná. Relatório Geral*. Brasília: CNJ. Disponível em: www.cnj.jus.br/portalcnj/images/ascom/parana.pdf, acesso em 20/04/2013.

GEERTZ, Clifford. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora.

SILVA, Vagner Gonçalves da. 2006. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Edusp.

VELHO, Gilberto. 1978. "Observando o familiar". In: E. NUNES (org.), *Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 36-46.

ZALUAR, Alba. 2009. *Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais*. Maná, v. 15; n. 2: 557-589.

NOTAS

1. Bebida quente característica da cultura sulista da América do Sul.
2. Todos os nomes citados nesse texto são fictícios para preservar os informantes.
3. "Grupo de estudos mulheres encarceradas" tem como objetivo pesquisar a atual situação carcerária feminina no país e possui sua formação com o apoio da Pastoral Carcerária Nacional. <http://mulheresencarceradas.wordpress.com/>

AUTOR

KATIUSKA GLORIA SIMÕES

Graduanda de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pesquisadora bolsista do programa de iniciação científica - PIBIC/CNPQ, email: katyuska_s@hotmail.com, Toledo, Paraná, Brasil